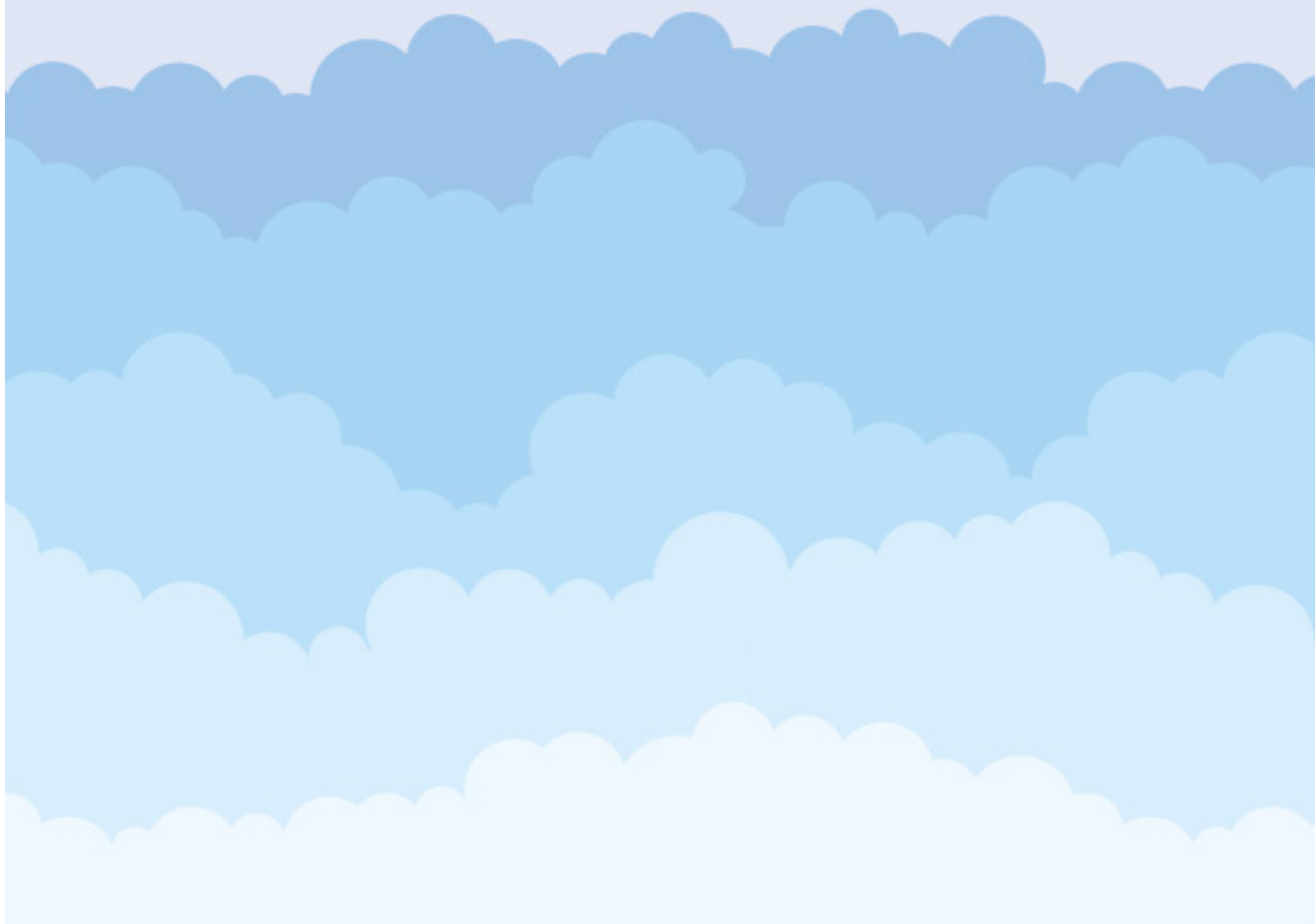


UNIBRASIL

FUTURO





Clèmerson Merlin Clève

Presidente do Unibrazil e idealizador do Projeto Unibrazil Futuro

" O projeto tem como objetivo a manutenção de um canal permanente de divulgação e discussão de ideias, ou seja, pensar o Brasil que queremos para nós, para nossos alunos, para nossos filhos, para a comunidade ".

Democracia e Escolas: Herança do Estudo das Linguagens

As línguas naturais são objeto de estudo e reflexão desde a Antiguidade. Sua abordagem, no entanto, seguiu caminhos distintos em diferentes culturas e civilizações, sempre a partir das necessidades práticas que essas culturas e civilizações enfrentavam. Provavelmente, a criação de um sistema de escrita como forma de registrar informações que apenas a memória não poderia atender é, nas mais diferentes culturas, a mais antiga.

AUTOR

José Borges Neto – Professor Titular da UFPR, aposentado e atuando como Professor Sênior no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFPR. Doutor e Mestre em Linguística (Unicamp).

Os gregos criaram um sistema de escrita em que havia um sinal gráfico para cada som identificado nos enunciados. Baseados no sistema silábico dos fenícios (em que havia um sinal gráfico para cada sílaba – sistema que persiste em parte, ainda hoje, no hebraico e no árabe), criaram um sistema alfabético de escrita.

Destaque-se que algum tipo de sistema de escrita alfabética é utilizado na maior parte das línguas do mundo, embora o alfabeto nem sempre seja o mesmo. Por exemplo, o alfabeto do coreano, o alfabeto cirílico (do russo, do ucraniano e do búlgaro, por exemplo) e o alfabeto do grego moderno são muito distintos do alfabeto usado pela maioria das línguas europeias – o alfabeto latino.

O que existe de interessante nos sistemas alfabéticos é a sua dependência de um estudo prévio sobre as menores partes dos enunciados: os sons da língua. A identificação de sons individuais nos enunciados e a percepção de que muitas vezes sons distintos parecem ter um mesmo valor na comunicação é uma condição necessária para que um sistema alfabético tenha sucesso. Vejam o caso do português brasileiro, em que o som inicial de “tipo” não é o mesmo som inicial de “tapa”, ou que o segundo som de “bola” não é o mesmo que o segundo som de “bolo”, embora sejam representados pelo mesmo sinal gráfico nos dois casos. Enfim, a presença de um sistema alfabético numa cultura qualquer supõe que as pessoas dessa cultura já refletiam e estudavam suas línguas.

Vou me concentrar daqui para a frente na Antiguidade grega e na herança cultural que nos deixaram.

Os gregos não só criaram um sistema alfabético para a língua grega como procuraram alfabetizar a elite de suas cidades criando um tipo de “profissional” encarregado de alfabetizar os meninos gregos (o *grammatistés*, termo que poderíamos traduzir por “alfabetizador”). Esses “alfabetizadores”, além de ensinar as primeiras letras, introduziam as crianças gregas na música e na literatura de seu tempo. Até onde se sabe, não havia “escolas” – entendidas como instituições de

ensino – mas, as crianças eram acompanhadas pelo que poderíamos chamar, hoje, de “professores particulares”.

Depois de alfabetizado, o agora jovem grego poderia estudar de modo mais aprofundado as palavras, suas classes e suas modificações (tempos dos verbos, gênero e número dos nomes etc.), agora sob a supervisão de professores chamados de *grammatikós* (que, literalmente, poderíamos traduzir como “gramáticos”). Esses “gramáticos” discutiam e especulavam sobre as características formais e estruturais da língua.

O termo grego para “letra” era *gramma* e, como se pode concluir, todo o trabalho dos “alfabetizadores” (*grammatistés*) e dos “gramáticos” (*grammatikós*) seguiam-se do processo de reflexão sobre a língua que levou ao sistema alfabético e seu conjunto passou a ser conhecido como *grammatiké*, ou simplesmente “gramática”.

Provavelmente no final do séc. II a.C., aparece o primeiro manual de gramática, escrito por Dionísio Trácio, estudioso ligado à Biblioteca de Alexandria, e que pode ser considerado a mais antiga gramática a ser escrita.

Uma das características desses estudos gramaticais gregos, particularmente a partir de Alexandre (século IV a.C.), conhecido como período helenístico, era a tentativa de estabelecer um padrão para a língua grega, que apresentava vários dialetos (jônio, dórico, macedônico, entre outros). A gramática servia como instrumento para a unificação linguística, para que todos os povos de cultura grega falassem exatamente uma mesma língua: o grego “correto”.

No século II a.C., Roma conquista a Grécia e os romanos se apropriaram dos conhecimentos desenvolvidos pela cultura grega. A educação das crianças e dos jovens romanos passou a espelhar a educação grega;

os estudos gramaticais gregos formaram base para os estudos gramaticais romanos e a gramática grega foi “traduzida” para o latim. Um princípio geral imperava sobre as questões linguísticas – o “*utraque linguae*” – que dizia que o vale para o grego também vale para o latim. Dessa forma, a doutrina gramatical grega passou a ser conhecida como doutrina gramatical greco-latina.

Na medida em que o latim passou a ser a língua oficial do Império Romano e que esse império se estendeu por quase toda a Europa, pelo norte da África e por parte da Ásia, podemos perceber a força da influência que a gramática greco-latina exerceu sobre os estudos gramaticais dessas regiões.

Paralelamente aos estudos propriamente gramaticais, havia na cultura grega “profissionais” encarregados de ensinar retórica e oratória aos jovens, para que pudessem debater suas ideias em praça pública, já que democracia grega era exercida por todos os cidadãos reunidos, decidindo os rumos da cidade-estado. Aprender como falar em público e argumentar contra ou a favor de ideias e propostas era fundamental para o exercício da democracia. Uma parte desses “profissionais” era conhecida pelo nome de sofistas. É importante notar que os estudos de retórica e oratória também dependem de reflexões e estudos prévios, agora não mais sobre a própria língua, mas sobre o seu uso prático na comunicação.

O sistema “escolar” grego foi modelo para o sistema romano e o sistema romano difundiu-se para toda a extensão de seu império. De um jeito ou de outro, somos herdeiros da tradição greco-latina e nossas reflexões e estudos sobre a linguagem não fogem muito dessa tradição.

Sem os estudos iniciais de linguagem teria sido impossível a criação das primeiras “escolas” e as fundamentações teóricas do que entendemos hoje como democracia.